

MINAS GERAIS: HISTÓRIAS QUE SE CRUZAM

Cibele Kerr Jorge

No caderno *Viagem* do jornal *O Estado de São Paulo*, de 23 de setembro de 2014, o casario da cidade mineira de Diamantina estampa a capa, do outro lado da rua, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo figura como um dos símbolos da cidade.

Uma foto em página dupla abre a reportagem sobre a Estrada Real. Amplo céu azul sobre a vegetação montanhosa, com uma estradinha de terra ao meio, compõem um cenário tipicamente brasileiro.

Algumas fotografias menores ilustram a matéria, intercaladas com pequenos textos sobre as cidades no caminho do ouro, rota que corta o Estado de Minas Gerais na direção norte-sul, desde Diamantina ao norte até Paraty no Estado do Rio de Janeiro. Textos e figuras se dispõem de modo não linear, sem menção a ordem de importância das cidades citadas, os subtítulos parecem pitados à mão e um mapa da Estrada Real em aquarela ilustra o centro inferior do caderno, em estilo artesanal, como os fazeres descritos ali.

Este modo, não linear ou hierárquico, de dispor o conteúdo está relacionado aos costumes e à vida cotidiana das sociedades latino-americanas, que acostumadas a tecer sua cultura com elementos e hábitos vindos de diversos países, trabalham incorporando aquilo que interessa, sem se ater à ideia de ordem de importância, tecendo a mescla entre aquilo que vem de fora e a cultura do lugar, cultura essa que é móvel, mesmo quando preserva certas bases tradicionais.

Essa ausência de ortogonalidade ou hierarquia ao combinar elementos culturais diversos, muitas vezes com pendor ao exagero, é uma característica tendência barroca, entendendo-se aqui barroco como um conceito atemporal ligado também ao exagero e a proliferação de elementos. Pinheiro (2013, p. 28) nos fala a respeito dessa habilidade de assimilar a cultura do outro: “As sociedades mestiças ficaram treinadas em tradução: esse gesto sintático de assimilar e incluir o outro em si e o em si no outro (mesmo e especialmente quanto mais pareçam estranhos, desconhecidos e inimigos)”.

Se trata de sociedades em que muitas contribuições vieram de fora, desde que receberam os primeiros europeus em terras habitadas por populações nativas no século XVI. A partir daí se iniciou um processo de mescla de costumes, entre estrangeiros e

nativos, que compreendeu as religiões e crenças, as artes, as danças e os afazeres cotidianos, como os banhos e a culinária. Esse processo que contou com a participação de escravos e imigrantes nos primeiros períodos, se estende até os dias atuais com migrantes e visitantes. Tal comportamento incorporante e transformador convive ainda, com a ideia antagônica de que certos modelos políticos, artísticos e sociais, vindos da Europa e dos Estados Unidos deveriam funcionar como referência para as nossas sociedades latinas, supostamente ajudando-as em termos de organização e progresso.

Mirar-se em modelos europeus e norte-americanos é ideia corrente nas falas da grande mídia. As revistas, os jornais e mesmo os meios políticos, acadêmicos e empresariais, incorrem em tais políticas, no entanto, na América Latina o enaltecimento desses pretensos exemplos convive diariamente com uma cultura criativa, acostumada a administrar a variação e a trabalhar com a inserção de elementos socioculturais provenientes de diversos lugares do mundo. Pinheiro (2013, p.18) fala a respeito desse tipo de sociedade: “Culturas que no seu interior abrigam um número maior e crescente de culturas, muitas delas não descritas (ou mal descritas) tem de aumentar sua capacidade de tradução, acelerar a imbricação entre códigos, textos, séries e sistemas, afinar a sintaxe combinatória e a complexidade ‘estrutural’”.

De volta à página de jornal que estamos analisando, um homem puxando um burro carregado de feixes de lenha, figura em um sinuoso caminho de terra; retrato de uma região agrícola, que não poderia estar mais distante do cotidiano tecnológico abordado nos outros cadernos do periódico.

No canto superior esquerdo, pratos típicos em panelas de barro dão sabor à pitoresca reportagem, ao centro, jovens pedalam sobre uma estrada de terra, enquanto na imagem abaixo uma mão carimba a via alfandegária do século XVIII e à sua direita há uma pintura rupestre. Com exceção desta última, deveras antiga, as demais imagens dão o tom de uma cultura de raiz, hoje tradicional, que teve seu início há três séculos naquela região.

De acordo com a reportagem, o Instituto Estrada Real (fundado em 1999 pela federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais) disponibiliza um passaporte, que pode ser carimbado pelo viajante em Ouro Preto, Diamantina ou Paraty, para a obtenção de um certificado como lembrança. Esclarece que este é um modelo europeu usado pelos peregrinos do caminho de Santiago de Compostela, entre a França e a Espanha. O souvenir parece ter sido adotado no Brasil, mais pela semelhança entre a rusticidade dos percursos, do que pela ideia de influência de um modelo centro-ocidental.

Apresentando o percurso da Estrada Real como um convite a aventura agreste, a reportagem descreve as três maneiras de percorrê-lo: dirigindo um carro com tração nas quatro rodas ou caminhando por quinze dias ou ainda, pedalando por dez dias. Esclarece ainda, que o caminho de 1600 quilômetros entre Diamantina e Paraty conta com 726 placas e 1926 marcos de pedra para guiar o visitante e tem uma vila a cada trinta quilômetros, que pode servir como pouso de descanso.

A reportagem traz pequenos trechos sobre cidadezinhas como: Conceição do Mato Dentro com a indústria mineradora e suas quedas d'água e Ipoema com seu museu tropeiro, menciona ainda Morro do Pilar e a beleza natural de suas cachoeiras e a cidade de Milho Verde, com seus moinhos de água. Por fim, fala do Pico do Itambé com a história alfandegária do registro de pessoas e pedras preciosas, que circulavam pela Estrada Real no século XVIII, seu quartel e o posto fiscal.

A reportagem destaca o tom pitoresco regional de um apanhado de cidades com costumes seculares, cujo cotidiano não foi dominado pelo uso da tecnologia eletrônica e descreve o que a região tem de mais aprazível, como as quedas d'água, os pratos típicos, os picos rochosos naturais e a arquitetura das igrejas. Para encerrar, menciona uma pesquisadora que investiga a gastronomia mineira desenvolvida na região, desde 1700.

Uma combinação de sabores de várias partes do mundo, a tradicional culinária mineira foi também resultado da mistura de pratos de portugueses, africanos e índios. O feijão tropeiro tradicional na região, feito com farinha de mandioca, carne de porco e ovos, era o prato feito pelos tropeiros. Homens que trabalhavam transportando o gado e as mercadorias de consumo de uma vila à outra, à cavalo e que nesta região geralmente viajavam entre São Paulo e o interior do país, incluindo Minas Gerais.

Outro prato comum em Minas é a feijoada, há muito desenvolvida pelos escravos, com o que restava do alimento de seus patrões, aproveitando as partes menos nobres da carne de porco para acentuar o sabor. Não podemos nos esquecer dos queijos típicos, do pão de queijo e das compotas açucaradas, apuradas por horas em fogão à lenha, como os doces de coco, de abóbora, de cidra e de mamão, a goiabada, a ambrosia e o doce de leite cremoso.

Nossa matéria de jornal segue, mencionando cidades pequenas como: Serro, com a produção do queijo que a nomeou e que vem sendo fabricado há dois séculos na região, cita ainda, São Gonçalo do Rio das Pedras, originada em 1730, com seu casario e o muro de pedras feito pelos escravos. Ao final está a cidade de Cocais que abriga um sítio arqueológico com pinturas rupestres datadas de oito mil anos.

Ao norte está Diamantina, que nasceu com o garimpo do ouro como Arraial do Tijucu em 1713, mudou de nome com a descoberta do diamante em suas terras seis anos mais tarde. Patrimônio tombado pela UNESCO desde 1999, tem como atrativos: suas igrejas, a tradicional semana santa, o carnaval de rua e as casas em que moraram personalidades como a ex-escrava Xica da Silva e o ex-presidente Juscelino Kubitschek.

A matéria traz ainda a mais famosa cidade do roteiro, a lendária Ouro Preto com suas construções barrocas. Em imagem de destaque, temos a igreja da Ordem Terceira de São Francisco concluída em 1812, a pintura de Nossa Senhora Rainha dos Anjos feita por mestre Ataíde no teto da nave também é mencionada, assim como o altar entalhado por Aleijadinho. Mais adiante, fala-se da Igreja matriz de Nossa Senhora do Pilar concluída em 1733, com seus quatrocentos quilos de ouro. Excesso que reflete não só o largo uso dos recursos naturais da região, como o exagero e a desmesura do conceito atemporal de barroco, bastante presentes na arte barroca brasileira.

Outra obra mencionada é a Igreja de Nossa Senhora da Conceição que data de 1746, com projetos do pai de Aleijadinho, este é também o local onde ambos estão enterrados. A reportagem segue falando da Casa dos Contos onde era cunhada a moeda, que atualmente funciona como museu e do Museu da Inconfidência que abriga as lápides de 13 inconfidentes, incluindo a de seu líder Tiradentes, o documento de sua condenação e a forca que lhe ceifou a vida em 1792. A matéria de Felipe Mortara termina descrevendo o passeio na antiga maria-fumaça, que liga Ouro Preto à Mariana, que no vagar de seu deslocamento vai percorrendo o antigo trajeto entre os dois polos de prosperidade regional.

Levando em conta o caráter descritivo da reportagem, eu continuo, então, de memória, lembrando de alguns pontos não mencionados, como o Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas, com exposição de utensílios antigos e uma grande sala-museu de mineralogia, onde repousa um imenso acervo de pedras brasileiras, entre preciosas e semipreciosas, cuja variedade de cores e o brilho ofuscante nos atenta para a riqueza natural de nosso solo.

Sigo lembrando do museu do oratório, antiga casa do noviciado do Carmo, que nos dá testemunho dos séculos de devoção católica de cunho imagético, trazida pelos portugueses e absorvida pela cultura local. Situado no pátio da Igreja do Carmo, tem grande acervo de oratórios retangulares e cilíndricos, podemos ver desde os pequenos usados em viagens, com delicadas e diminutas esculturas até os suntuosos, antes

instalados nas salas das grandes residências, com imagens entalhadas em cedro e pintadas à mão, enfeitadas com detalhes em dourado.

O artesanato

Seguindo a antiga tradição do fazer manual, o artesanato está bastante presente na região, entre bordados e rendas e nos utensílios domésticos, na talha escultórica da madeira, no feitiço dos móveis e nas esculturas em pedra-sabão. Também o vemos nas joias feitas com pedras regionais, como o topázio imperial, próprio da região de Ouro Preto, cuja pedra translúcida vai do tom caramelo ao cor-de-rosa, tendo este último maior valor comercial.

Passeando pelas ruas de pedra, ainda encontramos santeiros em suas oficinas, entalhando imagens sacras em madeira e mais adiante, em frente à Igreja de São Francisco, encontra-se a feira de pedra-sabão, ali artesãos esculpem essa pedra de nuances multicoloridas que vão do verde-água ao verde-escuro e do caramelo ao preto, criando objetos utilitários, como: porta-copos, porta-incensos, porta-joias, vasos, saboneteiras, panelas, santinhos, enfeites e cinzeiros.

A pedra-sabão, natural do município de Santa Rita de Ouro Preto, vizinho e distrito de Ouro Preto é o sustento de muitas famílias locais, com vários usos na indústria, como o talco, ela é aproveitada na região tanto para a construção civil como para o fazer artesanal. Octavio Paz fala sobre o prazer no artesanato:

O artesanato é uma mediação: suas formas não se regem pela economia da função, mas pelo prazer, que é sempre um gasto e não tem regras. O objeto industrial não tolera o supérfluo, o artesanato se compraz nos enfeites [...] A persistência e a proliferação do enfeite no artesanato revelam uma zona intermediária entre a utilidade e a contemplação estética. No artesanato há um contínuo vaivém entre utilidade e beleza; esse vaivém tem um nome: prazer. (PAZ, 1991, p.51).

Os afazeres manuais ditam o ritmo cotidiano regional. “O artesão não busca vencer o tempo, mas juntar-se ao seu fluxo”. (PAZ, 1991, p.53).

A organização do tempo nestas cidades salta aos olhos do visitante acostumado ao ritmo acelerado dos centros urbanos, com seu trânsito intenso de automóveis e pessoas, filas de espera no comércio e *fast-foods* que alimentam uma população impaciente. O tempo exigido para o cozimento da comida em forno à lenha e para os afazeres manuais como o artesanato, surpreendem o visitante saturado do *ready-made* industrial presente em seu cotidiano. Enquanto os objetos plásticos e industrializados,

com fins puramente utilitários e obsolescência planejada, são cada vez mais leves e menores, o artesanato produz utensílios únicos feitos a mão, em tecidos robustos, pedra ou madeira, com um capricho estético menos preocupado com a função utilitária do que com o fazer artístico, que se compraz em dobras e curvas escultóricas sem nenhum propósito além do prazer tátil e visual.

Festas Mineiras

As ensolaradas e montanhosas Minas Gerais tem festas o ano inteiro. Entre as mais tradicionais, encontram-se as homenagens aos muitos santos da fé católica, como os padroeiros regionais: São Lourenço, São Thomé, Nossa Senhora das Mercês e São Francisco de Assis. As comemorações se estendem por algumas semanas, com direito a missas e procissões, quermesses e shows nas praças e não se passa um mês em que não haja festas. Bakhtin (2008, p.8) nos fala da relação da festa com o tempo: “As festividades têm sempre uma relação marcada com o tempo. Na sua base, encontra-se constantemente uma concepção determinada e concreta do tempo natural (cósmico), biológico e histórico.”

As comemorações de Páscoa das cidades históricas e o carnaval de rua movimentam o turismo e o comércio regionais, sendo bastante importantes para o setor comercial. Os locais turísticos vivem, em grande parte, da renda gerada pela visitação de seu patrimônio cultural preservado, de suas festas e também de seus parques naturais. A vegetação abundante, as corredeiras de rios, os picos rochosos e as quedas d’água são exploradas anualmente por um público interessado em ecoturismo.

Em Diamantina e Ouro Preto, o carnaval de rua atrai um animado público de moradores e turistas, nesta última, pessoas de todas as idades, religiões e condições sociais tomam as ruas festejando juntas. É massiva a participação dos blocos das repúblicas de estudantes, havendo ainda outros, como os das igrejas católica e evangélica e o do candomblé. As bandas tradicionais desfilam trajadas de branco, tocando suntuosos instrumentos musicais, destacando-se em meio ao multicolorido dos foliões. Pequenos palcos espalhados pelo centro contam com apresentações teatrais e dançantes de grupos nordestinos e regionais, também há carnavais embalados ao ritmo do axé baiano, afastados do centro e com entrada cobrada. As opções noturnas são: o desfile aberto das escolas de samba, na praça central e os barzinhos e lanchonetes com música ao vivo, abertos até altas horas.

As pessoas se deslocam aos milhares num constante subir e descer de ladeiras que se entrecruzam e se encontram, enquanto o som das marchinhas toma as ruas e invade as casas, numa folia insone que dura todos os dias do carnaval. No “vaivém da ladeira” os percursos dançantes passam por muitos registros históricos de nossa cultura, como as casas em que viveram Tiradentes e o poeta Tomás Antônio Gonzaga. Passamos por igrejas barrocas, antigas senzalas e pontes de pedra, como aquela eternizada em Marília de Dirceu: a ponte dos suspiros, lembranças do tempo de um Brasil não independente mas já mestiço em seus costumes.

As ruas cobertas de pedras figuram ao longe e diante de nós, estreitas e montanhosas, compõem um jogo interessante com a paisagem. As formas únicas das rochas naturais, cortadas e encaixadas a grosso modo no período colonial, nos fazem lembrar que estamos pisando em terra de grandes histórias, que ainda se fazem presentes em meio aos afazeres urgentes do cotidiano.

Patrimônios preservados e cultura popular nos falam de uma profusão de histórias que se cruzam. Uma épica, de heróis inconfidentes inspirados nos ideais da Revolução Francesa, insurgindo contra a exploração dos altos impostos da coroa Portuguesa, como o quinto do ouro. A outra é a dos povos trazidos da África em irrefreável injustiça, para acelerar o funcionamento dos campos e das cidades. A terceira, que nos fala de arte, é a presença histórica do barroco mineiro, o labor de artesãos e mestres com a arquitetura e a arte trazidas da Europa e reinventadas aqui em um período de grande efervescência cultural para a música, a arquitetura e as artes plásticas regionais.

Nas Minas Gerais, os sinos das igrejas ainda badalam como nos tempos de outrora e os festejos santos despontam pelo ano inteiro, nas cidades históricas as comemorações da semana santa contam com grande participação da população junto à Igreja, longos tapetes de serragem enfeitam as ruas, enquanto o aroma do incenso perfuma o ar.

Famílias esperam em frente às janelas a procissão passar, adornando seus batentes com tecidos roxos pela paixão de cristo. Os passantes se comprazem em olhar para elas, como que cumprimentando-as e ao terceiro dia os bordados brancos substituem os púrpura, simbolizando a ressurreição e as procissões podem desfilar aliviadas.

As capelas dos passos, distribuídas pela cidade, são abertas somente durante a Páscoa. Quilos de rosas enfeitam as igrejas, as imagens da virgem são ricamente adornadas para receber a romaria de fiéis e as portas se cerram já tarde da noite.

O Ouro e os Inconfidentes

Distantes de sua mítica imagem de heróis, os bandeirantes paulistas, conhecidos exploradores do interior brasileiro, descobriram o ouro na região hoje conhecida como o Estado de Minas Gerais no século XVII, a notícia atraiu aventureiros e trabalhadores em busca de oportunidades e a população começou a crescer, formando os primeiros arraiais e vilas.

A notícia também avivou o interesse da família real, que logo cuidou da exploração e controle do precioso metal, a coroa estabeleceu que um quinto do ouro extraído na região, logo, vinte por cento do que entrava nas casas de fundição, deveria ser pago como imposto à Portugal, levando a população ao esgotamento, a taxa ganhou a alcunha de “o quinto dos infernos”.

Com o surgimento das vilas, o progresso foi levado às Minas Gerais, contando com a instalação de órgãos públicos da coroa, a construção de igrejas e comércios, casas e ferrovias, tendo em troca a vertiginosa exploração de seus recursos naturais. O trajeto do ouro e das pedras tinha início em Diamantina, ao norte do Estado, passando por diversas vilas, incluindo o importante centro de mineração de Vila Rica, hoje Ouro Preto, chegando finalmente ao porto de Paraty no Rio de Janeiro, onde muito desse material era mandado à Portugal.

A pequena Mariana, com sua pracinha central coroada por um chafariz circular, foi então, nessa época a primeira cidade de Minas Gerais, elevada pela coroa da condição de vila em 1745. Aquela que outrora representara o auge do progresso, com símbolos fortes como a ferrovia, a casa de Câmara e cadeia e ricas igrejas, parece-nos hoje um cenário bucólico, impregnado de beleza natural, conservado no tempo, entre os séculos XVIII e XIX.

Apesar dos louros do progresso, na segunda metade do século XVIII, com o ouro em estado de escasseamento, a coroa impôs a derrama, que consistia em confiscar propriedades e bens e acabou por disparar o estopim da revolução.

Em 1789 a aura épica da insurreição deixaria suas marcas na história regional, quando tomados de insatisfação e inspirados nos ideais da Revolução Francesa, iniciada

no mesmo ano, profissionais liberais e intelectuais organizaram um movimento para tornar Minas Gerais independente, conhecido como: Inconfidência Mineira.

Descobertos e levados a julgamento, os envolvidos morreriam em exílio africano enquanto aquele apontado como líder: Joaquim José da Silva Xavier seria enforcado, se tornando lendário. Um nome feminino cresceria junto às lembranças do movimento: Barbara Heliódora, poetisa conhecida por apoiar o marido Alvarenga Peixoto em seu sonho libertário, tornou-se uma imagem de força feminina regional, ela teve o marido mandado ao exílio e boa parte de suas posses confiscadas, criando assim seus filhos, sobre os destroços de uma revolução traída. Aclamada por sua coragem, tornou-se inspiração para filmes e peças de teatro, tendo a casa em que viveu aberta para visitação em sua natal São João del Rei.

O tom poético da Inconfidência cristalizou-se na figura da jovem Maria Dorot a Joaquina de Seixas, noiva do poeta Tomás Ant nio Gonzaga, que a eternizou nas páginas de seu poema Marília de Dirceu como a personagem de um amor romântico, com cabelos de fio de ouro e faces cor de neve, que a história real transformou em tragédia, quando o próprio poeta e apaixonado Dirceu, foi mandado ao exílio em Moçambique, por sua participa o como inconfidente.

A memória da inconfidência   lembrada em cidades como Tiradentes e Ouro Preto, na região pode-se notar a semelhança entre as representa es artísticas de seu herói e as de Cristo, como pistas do tom messiânico alcançado pelo movimento.

O Barroco

Diante do movimento da Reforma protestante que tomava força na Europa no século XVI, a Igreja Católica embarcou no projeto da contra-reforma e investiu na força imagética do estilo barroco de arte e arquitetura, com a inten o de manter seus fiéis. Com riqueza de materiais e exagero de formas, a arte barroca cumpria a um só tempo a finalidade est tica de encantamento e a fun o didática de ensinar o evangelho, por meio da imagem,   grande maioria de não letrados.

O barroco teve varia es de estilo em diversos lugares da Europa e ao ser trazido ao Brasil pelos portugueses, sofreu aqui têm também algumas altera es. A constru o das cidades, do artesanato e das artes de Minas Gerais se tornaram possíveis pelo amplo aproveitamento de seus recursos naturais, como: a pedra-sabão, a madeira, a imensa variedade de pedras preciosas e semipreciosas, o diamante e o ouro.

Zanini nos fala sobre o forçoso uso do material regional e o florescimento da arte local:

O relativo isolamento das cidades terá tido influência no surgimento de uma arte com personalidade própria [...] Distantes do litoral e dele separados por péssimos caminhos, os núcleos de mineração não podiam ter à mão material trazido como lastro de navio como ocorria nas cidades litorâneas. [...] Chegar a Vila Rica ou Diamantina, cruzando serras e usando transporte mular já era grande proeza. Transportar material, quase impossível. (ZANINI, 1983, p.190).

No barroco mineiro, os elementos da natureza foram se inserindo na cultura à medida que as vilas tomavam forma. Os edifícios eram construídos com plantas arquitetônicas vindas de Portugal, sob a supervisão de mestres brasileiros e portugueses, que tiveram de se adaptar à utilização de materiais regionais, como a pedra-sabão e o cedro. As escadarias e batentes das igrejas e das casas de Câmara e cadeia eram feitos em pedra-sabão, assim como os chafarizes e os frontispícios das igrejas, já as esculturas sacras, retábulos e altares eram talhados em cedro e revestidos com o ouro local. “Os materiais da natureza são a força tectônica de base, nunca um dado anterior, para a vertiginosa inclusão das microdiversidades da cultura”. (PINHEIRO, 2013, p.17)

As cidades históricas de Minas Gerais, preservaram grande parte do patrimônio artístico e arquitetônico regional dos séculos XVIII e XIX, Sabará, Ouro Preto, Mariana, Congonhas do Campo, Tiradentes e São João del Rei, formam o grande circuito do barroco mineiro. Antigas residências e órgãos públicos funcionam como museus, como as casas de Câmara e cadeia.

O maior artista do barroco brasileiro foi Antônio Francisco Lisboa, nascido em Ouro Preto no ano de 1738, ele cresceu em um ambiente artístico efervescente em que a construção de igrejas, retábulos, altares, portadas e chafarizes prosperava. Seu pai, o português Manoel Francisco Lisboa, arquiteto e mestre de obras muito lhe ensinou de seu ofício, Antônio começou a trabalhar a arte do entalhe na igreja matriz de Nossa Senhora do Caeté e aos quatorze anos, fez o desenho do chafariz do Palácio dos Governadores, a pedido do pai. Sete anos mais tarde, ele esculpiu em pedra-sabão, o busto feminino que adorna o chafariz do alto da Cruz, construído por seu pai em Ouro Preto. “As portadas, os púlpitos e os lavatórios são obras primas da ourivesaria executadas em pedra-sabão”. (ZANINI, 1983, p.214).

Em 1788 ele entalhou os retábulos da nave da Igreja de São Francisco, em São João del Rei e dois anos mais tarde realizou o mesmo trabalho na igreja da Ordem Terceira de São Francisco em Ouro Preto, com volutas e curvas que conferem à madeira

um aspecto tão macio quanto o de uma pedra de sabão. Seu interior suntuoso exhibe o que há de mais belo no barroco mineiro e o medalhão de seu frontispício é um de seus mais conhecidos trabalhos em pedra-sabão. Nele figura o santo de Assis recebendo as chagas no Monte Alverne. “São Francisco constitui um edifício religioso sem paralelo no Barroco brasileiro”. (ZANINI, 1983, p.229).

Ao caminhar pelas cidades históricas nos deparamos com uma grande quantidade de museus e igrejas ricamente adornados com o estilo barroco mineiro, entalhe, escultura, arquitetura e pintura, podem nos proporcionar meses de imersão na história dessa arte rica em minuciosos detalhes.

A cidade de Congonhas do Campo abriga o santuário de Bom Jesus de Matosinhos, que iniciado em 1757 como uma construção modesta, começou a receber melhorias desde a construção da nave central, chegando à importância de maior complexo de arte barroca nacional.

Tombado em 1939 pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e patrimônio da UNESCO desde 1985, o complexo constitui ampla obra realizada por Antônio já bastante doente e conhecido como Aleijadinho, com o auxílio de sua equipe. No adro em frente à igreja, erguem-se majestosos os doze profetas bíblicos sob o límpido céu azul. Esculpidos em pedra-sabão num período de cinco anos a partir de 1800, Isaías, Jeremias, Baruc, Ezequiel, Daniel, Oseias, Joel, Amós, Abdias, Habacuc, Jonas e Naum, com suas faces e mãos expressivas, são obras primas do barroco mineiro.

No terreno à sua frente encontram-se as seis capelas dos passos, que guardam as sessenta e quatro figuras entalhadas em cedro por Aleijadinho, entre os anos de 1796 e 1799. Estas esculturas que foram pintadas por mestre Ataíde são representações humanas em tamanho natural de soldados, apóstolos, anjos e do próprio messias, que contam a história da paixão de Cristo, com rica diversidade de expressões, poses e vestes.

Repletas de histórias que se tangem e se cruzam, as cidades históricas de Minas Gerais conduzem nosso imaginário aos tempos de outrora, nos sentimos no passado ao viajarmos pela estrada real e ao embarcarmos nos lentos passeios de maria-fumaça, ao ouvir os sinos a marcar as horas e ao avistar igrejas por toda parte. Caminhando pelas ruas sentimos o aroma da boa comida e a irregularidade das pedras a cutucar as solas dos sapatos, calçamento que constitui o duradouro trabalho de antigos escravos, ali algumas senzalas ainda guardam relatos de uma opressão histórica.

Algumas salas de museus contam histórias, como a da inconfidência, outras porém, nos falam apenas dos costumes cotidianos e seus aparatos utilitários. Entre vestes e joias rebuscadas, armas, serpentinas, jarras e móveis entalhados à mão, vamos nos dando conta dos usos que em poucos séculos mudaram em nossa cultura, perdendo em floreios e adorno na medida em que atendiam aos requisitos de praticidade.

Grandes portadas em pedra-sabão e madeira, nos remetem aos arquitetos do velho mundo, que tiveram de adaptar seu ofício aos nossos recursos naturais. No interior das igrejas, tentamos entender a profusão de elementos: imagens de roca com cabelos humanos e santos barrocos em retorcidas vestes, coloridas pinturas no teto da nave, púlpitos, altares e retábulos de madeira em rebuscado entalhe, de onde se elevam folhas e frutas, pássaros e anjos, serafins e querubins, como símbolos sacros e nacionais, que se camuflam e se revelam, no jogo de luz e sombra entre os volumes escuros da madeira e as saliências resplandecentes, cobertas de ouro.

Passamos por casas e pontes que nos lembram a lírica de antigos poetas, nos refrescamos em chafarizes coloniais no decorrer da caminhada, em visível contraste, antigas minas nos levam à dura realidade dos mineradores de outrora, da descoberta do ouro e da extração dos tesouros entranhados nas rochas. No atual movimento das cidades, tocamos os fragmentos reais de um Brasil ainda em início de construção.

Referências Bibliográficas:

- BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. Brasília: Hucitec, 2008.
- FREYRE, Gilberto. *Novo Mundo nos Trópicos*. São Paulo: Global, 2011.
- LAPLANTINE, François; NOUSS, Alexis. *Mestizajes*. De Arcimboldo a Zombi. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.
- MORTARA, Felipe. *Mapa dos Tesouros*. O Estado de São Paulo. 23. Set.2014. Caderno D, p.1.
- PAZ, Octavio. *Convergências. Ensaio sobre Arte e Literatura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- PINHEIRO, Amálio. *América Latina. Barroco, Cidade, Jornal*. São Paulo: Intermeios, 2013.
- _____. *O Meio é a Mestiçagem*. São Paulo: Estação das Letras e Cores Ltda. TDA, 2009.
- ZANINI, Walter. *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles, 1983. 2v.